

## **ATIVIDADES DE EXTENSÃO COMO FUNÇÃO ACADÊMICA: O CASO DE PROJETOS DE VIABILIDADE ECONÔMICA NO PAISAGISMO.**

**Jaqueline Menezes Dias**<sup>1</sup>

**Robertiele Schardong Cardoso**<sup>2</sup>

**Gustavo Pinto da Silva**<sup>3</sup>

### **Resumo:**

A superação da compartimentalização dos saberes e da organização curricular sob a forma de uma "grade" se mostra como um problema a ser superado. Por isso, sugerimos a adoção de uma metodologia diferenciada para o ensino assumindo o princípio da indissociabilidade das relações ensino-pesquisa-extensão a ser realizada nas universidades. O objetivo deste trabalho é avaliar a utilização de uma atividade didático-pedagógica como meio de relacionar ensino e extensão e como forma afirmativa que possibilita a curricularização da extensão no curso Técnico em Paisagismo. A partir de uma visita técnica à empreendedores da região, na área da floricultura, foram baseadas as aulas em sala e desenvolvidos projetos de viabilidade econômica, um deles para uma das propriedades visitadas. Esse tipo de atividade possibilita ao estudante estabelecer relações teoria-prática, apropriar-se mais facilmente dos conhecimentos e tornar-se agente daquela realidade, transformando-a. Assim, verificou-se que é viável a utilização de atividades didáticas extensionistas inseridas no âmbito de elementos curriculares e possibilitando a transformação de uma situação social local.

**Palavras-chave:** Extensão, Paisagismo, Indissociabilidade, Integralidade.

**Modalidade de Participação:** Iniciação Científica

## **ATIVIDADES DE EXTENSÃO COMO FUNÇÃO ACADÊMICA: O CASO DE PROJETOS DE VIABILIDADE ECONÔMICA NO PAISAGISMO.**

<sup>1</sup> Outro. jaquendias@gmail.com. Autor principal

<sup>2</sup> Outro. robertieleschardong@gmail.com. Co-autor

<sup>3</sup> Docente. gustavo.pinto@politecnico.ufsm.br. Orientador



## **ATIVIDADES DE EXTENSÃO COMO FUNÇÃO ACADÊMICA: O CASO DE PROJETOS DE VIABILIDADE ECONÔMICA NO PAISAGISMO.**

### **1. INTRODUÇÃO**

A compartimentalização dos saberes e a necessidade de superação do mesmo, tanto na prática pedagógica quanto em termos do discurso predominante político pedagógico, é um problema para as organizações de ensino. Uma vez que, para solucionar esse problema é necessário interferir na organização curricular e didática dessas organizações.

O FORPROEXT (2006) aponta que quando o currículo fica limitado “a uma “grade”, passa a valorizar as disciplinas organizadas em regime seriado, apresentando ao estudante um elenco variado de informações” e que isso imprime uma visão de formação linear e rígida que desfavorece a integração e participação daqueles, que por algum motivo, não se adequam ao sistema. Dessa forma, sugere uma organização curricular que seja permeável a transformações e que privilegie as articulações teoria-prática, bem como ciência/tecnologia/cultura/trabalho, por profissionais que criam metodologias e práticas pedagógicas que favorecem a formação integral do estudante, superando o tratamento fragmentado do conhecimento (FORPROEX, 2006; RESENDE SILVA, 2009).

A proposta de integralidade realizada por CALGARO NETO (2016) busca vincular de forma mais profunda as funções gerais da universidade, de ensino, pesquisa e extensão, bem como contribuir de modo mais efetivo para a transformação da realidade social no contexto onde está inserida. Portanto, a indissociabilidade é uma premissa; A extensão universitária é um processo educativo que facilita o estabelecimento de relações entre os diversos saberes, uma vez que as ações extensionistas possuem caráter interdisciplinar, através de uma relação próxima de produção de conhecimento com a realidade social.

O PNE 2014-2024 é pertinente com o compromisso em promover a integração da extensão com o currículo sem corromper seu sentido epistemológico, sua lógica interdisciplinar e em uma perspectiva de indissociabilidade com o ensino e a pesquisa, bem como a concepção de ação extensionista como transformadora da sociedade (IMPERATORE, PEDDE, IMPERATORE, 2015). No entanto, a institucionalização da extensão exige uma forte movimentação no sentido de articular a universidade tanto interna como externamente, de modo que haja integração com agentes sociais para o desenvolvimento de ações e projetos. A Política Nacional de Extensão (FORPROEX, 2012) aponta a necessidade de institucionalização da extensão tanto nas universidades quanto no próprio MEC. O documento também coloca o estudante como

[...] protagonista de sua formação técnica - processo de obtenção de competências necessárias à atuação profissional - e de sua formação cidadã - processo que lhe permite reconhecer-se como agente de garantia de direitos e deveres e de transformação social. (FORPROEX, 2012, p. 32)

E ainda, de acordo com os documentos, deve reconhecer as competências profissionais e saberes adquiridos informalmente em suas vivências, conjuntando-os

com aqueles presentes nos currículos formais. Perante esse contexto temos o desafio de trabalhar a extensão dentro do currículo. Assim, visando a função acadêmica da extensão, desenvolveu-se uma atividade com potencial extensionista na disciplina de Projetos de Viabilidade Econômica no Paisagismo do curso de Técnico em Paisagismo do Colégio Politécnico da UFSM, com um floricultor da região, enfatizando a relação teoria-prática e uma relação dialógica, como oportunidade para troca de saberes. Essa demanda nasceu por ocasião das visitas realizadas para participação na seleção de agricultores para participar do projeto Feira Livre (SIE n.º 044745). Considerando que esse agricultor tinha problemas de organização do estabelecimento rural, decidiu-se por buscar organizar a propriedade dele, para que pudesse atingir um estágio de regularidade de oferta de flores, condição necessária para ser um feirante.

O trabalho tem por objetivo avaliar a utilização de uma atividade didático-pedagógica como meio de relacionar ensino e extensão e como forma afirmativa que possibilita a curricularização da extensão no curso Técnico em Paisagismo.

## **2. METODOLOGIA**

A disciplina de Projetos de Viabilidade Econômica no Paisagismo foi iniciada de modo convencional, com utilização de metodologia expositivo-dialogada para abordagem dos conteúdos. Porém, pelo fato de o professor já haver trabalhado essa disciplina no curso por mais de um ano, e ter percebido as dificuldades dos estudantes relacionadas ao fato de que não conseguiam perceber e pensar o projeto de um negócio como um todo, ter uma visão sistêmica, para o seu desenvolvimento, buscou-se alternativas. Além do mais as turmas desse curso possuem como característica diferencial de ter uma grande heterogeneidade de faixa etária e diversidade de interesses.

Por esse motivo o professor optou pela inserção de uma atividade diferenciada dos anos anteriores, mas que deveria basear as mesmas: uma visita técnica a duas propriedades rurais, uma cujo empreendimento está exclusivamente atrelado à produção de plantas ornamentais e outra em que a produção de flores está inserida como uma renda extra a olericultura. Ambas as propriedades tinham interesse em participar da Polifeira do Agricultor, sendo que dado o estrangulamento da primeira em função da regularidade, somente a segunda foi selecionada. A visita aconteceu em abril de 2017 e envolveu todos os estudantes da disciplina.

Ao retorno das atividades em sala de aula foram desenvolvidos projetos de viabilidade econômica a partir de uma ótica de negócio e empreendedorismo, desde os elementos mais básicos e que justificam um negócio, até as questões mais específicas como o marketing, a comercialização, os investimentos e custos envolvidos no desenvolvimento de um empreendimento. De maneira geral, a maioria dos trabalhos desenvolvidos refletiu interesses particulares dos estudantes, ou aquilo que percebem fazendo, com exceção de uma dupla de alunas que assumiu para si a causa do produtor de plantas ornamentais flores. Para o desenvolvimento desse projeto em especial, foram necessários vários retornos da dupla ao estabelecimento rural e a realização de entrevistas informais e construção de diferentes cenários com o agricultor.

O projeto final traz como proposta a possibilidade de adequação da estrutura física de produção, a divulgação dos produtos e da floricultura, apontando para o nicho de mercado da feira livre. A implementação do projeto possibilita não somente a transformação do empreendimento, como também poder transformar a realidade social local, com novos empregos e à medida que a empresa se desenvolve valoriza

a região em que está localizada. Por fim, cabe que o conhecimento e envolvimento com a atividade foi tamanho que as alunas decidiram realizar estágio curricular nessa floricultura, de modo que possam efetivamente promover a transformação do empreendimento.

### **3. RESULTADOS e DISCUSSÃO**

A inserção de atividades e práticas acadêmicas com caráter extensionista, mesmo que pontuais, possuem maior potencial para interpretar as demandas apresentadas pela sociedade local na área de paisagismo e floricultura, promovendo o intercâmbio, a reelaboração e a produção de conhecimento sobre a realidade local com perspectiva de transformação. E sendo assim é possível, a partir de diferentes elementos curriculares, harmonizar o ensino do curso técnico com o desenvolvimento da área na região e participar da forma como o paisagismo e a floricultura se encontram inseridos, ao mesmo tempo em que se intensifica o contato da universidade com a sociedade. Efetivamente, quando tratados os problemas locais por meio de atividades de ensino, elimina-se o enfoque reducionista e compartimentado, pois por mais que os docentes não tenham como prática um trabalho interdisciplinar, os estudantes acabam recorrendo a eles para resolver questões pontuais de uma situação que é dinâmica. Assim, o tão sonhado diálogo entre as disciplinas acaba acontecendo para resolver um problema, no caso um projeto, que por si só é interdisciplinar.

E ainda, as atividades como a que foi realizada, possibilitam que os processos de formação estejam mais vinculados e integrados a complexidade de situações reais, minimizando a alienação do ensino com a realidade. Um projeto de extensão como a Polifeira do Agricultor, desde que permeável às demandas sociais, pode ser muito mais do que simplesmente um projeto de comercialização de produtos da agricultura familiar, e que retira os agricultores da intermediação. Mesmo que alguém possa dizer que foi somente um caso, ele é significativo pela forma que incorpora nas atividades de sala de aula algo que aflige a maioria dos empreendedores, que é a viabilidade econômica de um negócio. Dessa forma, o potencial dessa atividade para outras turmas é que se pode estar iniciando a institucionalização de outras formas de trabalhar os conteúdos que antes eram somente de sala de aula.

Para os estudantes, a atividade favoreceu a apropriação do conhecimento e o processo de ensino-aprendizagem, por ter a possibilidade de experimentar e se utilizar de diversas metodologias, inclusive aquelas relacionadas ao mundo do trabalho, enriquecendo a formação profissional. Pensar o todo exigiu que dialogassem com o agricultor, dialogassem entre si, fazendo-os refletir inclusive sobre a sua responsabilidade profissional. Na medida em que o projeto é muito mais que uma tarefa de aula, mas envolve sonhos, projetos pessoais e investimentos de quem depende da atividade para viver, ele passa a mobilizar outros elementos dos estudantes, fazendo se perceber que sua atuação profissional vai além do que conseguem dimensionar. Ou seja, tornam-se agentes.

### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A avaliação da atividade de ensino-extensão demonstra que existe a possibilidade de serem praticadas atividades com uma metodologia dinâmica, e que sua inserção e utilização em outras disciplinas fortalecem o processo ensino-aprendizagem. Ao mesmo tempo, é possível perceber que um projeto de extensão pode ser a porta de entrada para questões inovam o currículo escolar, ao mesmo

tempo em que reafirmam a questão da indissociabilidade. Além disso, considera-se que a experiência de situações fora de sala de aula, que a articulação teoria-prática, contribua significativamente para o enriquecimento da formação profissional e ampliação da autonomia dos estudantes, ao mesmo tempo em que deixa uma instituição de ensino mais comprometida com as demandas contemporâneas e os problemas da sociedade. O desafio, portanto, é que mais docentes proponham metodologias e práticas pedagógicas que sejam capazes de fazer com que a extensão universitária tenha efetivamente uma função acadêmica.

## 5. REFERÊNCIAS

CALGARO NETO, Silvio. **Extensão e universidade: a construção de transições paradigmáticas por meio de realidades sociais**. Curitiba: Appris, 2016.

IMPERATORE, Simone L. B.; PEDDE, Valdir; IMPERATORE, Jorge L. R. Curricularizar a extensão ou extensionalizar o currículo? Aportes teóricos e práticas de integração curricular da extensão ante a estratégia 12.7 do PNE. In: XV Colóquio Internacional de Gestão Universitária – CIGU: Desafios da Gestão Universitária no Século XXI. **Anais do XV Colóquio Internacional de Gestão Universitária**. Mar del Plata, Argentina, dez. 2015. Disponível em: <[https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/136064/101\\_00175.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/136064/101_00175.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acessado em 18/07/2017.

FORPROEX. **Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão**. Coleção Extensão Universitária, v. 4, 2006. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Indissociabilidade-e-Flexibilizacao.pdf>> Acesso em 18 de julho de 2017.

FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Coleção Extensão Universitária, v. 7, 2012. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>> Acesso em 18 de julho de 2017.

RESENDE SILVA, Juracy. **Institutos Federais lei 11.892, de 29/11/2008: comentários e reflexões/organização**. Natal: IFRN, 2009.